

vvogas@redgazeta.com.br Tel: 3321-8319

PRAÇA OITO

Vitor Vogas



A Escola Viva possui “salas temáticas”, como a de Artes, onde ressaltava a releitura de um clássico de Portinari, feita pelos alunos. Ali encontramos o jovem Set, personagem da coluna de amanhã.



A escola de ponta

Cristiano de Souza Beber, 17 anos, quer cursar Direito, “para ser promotor, delegado ou perito criminal”. Morador de Mucuri, em Cariacica, ele acorda às 4h50 e precisa pegar dois ônibus para chegar à escola. Alexia Aleixo, mesma idade, pretende estudar Medicina, com especialização em neurocirurgia. A rotina da jovem não é muito diferente: moradora de Barcelona, na Serra, precisa emendar três coletivos para chegar ao colégio.

O colégio em questão, destino comum de ambos, não é uma escola qualquer: desde agosto, eles estudam na unidade-piloto do Programa Escola Viva, em São Pedro, menina dos olhos brilhantes do governo estadual na área educacional. No último dia 2, os dois se juntaram ali para guiar o colunista em uma visita às dependências do colégio de ensino médio em tempo integral implantado no antigo campus da Faesa, em São Pedro. O governo introduziu ali uma metodologia de ensino bem distinta daquela mantida nas outras centenas de unidades da rede. Claramente, algo muito diferente está ocorrendo no interior daqueles muros. Em nada

—
“Eu era bem mais tímida. Quando você tira o cérebro da zona de conforto, você evolui”

—
ALEXIA ALEIXO, 17
 ALUNA DA ESCOLA VIVA

(do fato de não haver sinal entre as aulas à motivação de alunos e professores), essa unidade lembra as demais da rede.

De imediato, o ponto a destacar é a própria razão da escolha da dupla de guias: Cristiano e Alexia integram o grupo de oito “jovens acolhedores” da escola, responsáveis por dar as boas-vindas a novos alunos e a visitantes como eu. “Eu era bem mais tímida. Quando você tira o seu cérebro da zona de conforto, você evolui”, conta a sorridente Alexia.

Por conta da “missão” que lhes compete, ambos estão acostumados a circular bastante pelos espaços da escola. Mas isso não é privilégio deles. Seguindo o modelo universitário, cada sala de aula é específica de uma determinada disciplina, não de uma determinada turma. Assim, todos

os alunos precisam se transferir de uma sala para a outra em cada mudança de horário. “Assim não fica monótono. Um dos atrativos que fazem o tempo passar rápido é essa rotatividade”, aprova Alexia.

A primeira parada é na biblioteca, num amplo salão que também funciona como centro de vivências. Bom leitor, Cristiano compara: “Na minha antiga escola, a biblioteca sempre ficava vazia. Aqui fica cheia até na hora do recreio”. O espaço também é sede das reuniões dos clubes de protagonismo juvenil, grupos de estudos temáticos (ou de outros interesses diversos) formados e geridos pelos próprios meninos e meninas, de acordo com suas afinidades. Chamam a atenção as paredes forradas por envelopes personalizados, até para “as tias da cantina”, para a troca de correspondência natalina.

Alguns espaços da escola evidenciam a preocupação em ensinar de modo mais tangível os conceitos abstratos das ciências exatas e naturais. Há laboratórios bem equipados de Física, Biologia, Química e Matemática. Semanalmente, para cada três “aulas teóricas”, cada turma tem uma aula laboratorial. “As aulas são geminadas”, explica Alexia, no de Biologia, com paredes repletas de cartazes sobre os efeitos das drogas no organismo. Assim, a turma segue direto para o laboratório a fim de testar um conceito novo

logo após estudá-lo em sala de aula.

Outra inovação são as matérias eletivas, resultantes de pontos de contato buscados por dois ou mais professores, dentro de uma perspectiva de “ensino transversal”. Por exemplo, da parceria entre os de Química e Geografia brotou a disciplina “Vida loka – juventude, violência e drogas”. “Essa é bem legal”, conta Alexia, desinibida, “porque alguns já se envolveram ou foram testemunhas”.

Da junção entre Literatura, Português e Artes, nasceu um curso a respeito de adaptações para as telas. E da improvável interseção entre Matemática, Biologia e Espanhol, surgiu a eletiva “Ginástica Cerebral”. Foi nessa que se matriculou a futura neurocirurgiã. Afinal, o cérebro humano será seu objeto de estudo.

A escola da outra ponta

A exatos sete quilômetros da Escola Viva São Pedro, às margens da Avenida Maruípe, está encravada outra escola de ensino médio da rede pública estadual: a Hildebrando Lucas. A proximidade, porém, limita-se à distância espacial. Em tudo, ou quase tudo, do entusiasmo dos alunos à aparência física, a antiga unidade escolar que funciona em um prédio erguido literalmente sobre uma rocha contrasta com o que encontramos na Escola Viva. Enquanto esta cheira a novo (novas ideias, novas instalações), a Hildebrando parece estagnada no tempo, a começar pela infraestrutura precária.

Ali o colunista esteve pessoalmente no dia 26 de novembro. Ao tocar o interfone, a primeira surpresa. Toquei, toquei, e nada de alguém atender. Ué, não funciona? “Não, não funciona”, confirmou a simpática vigilante que enfim notou minha presença. Problema no sistema elétrico do edifício, só o primeiro dos muitos que saltam aos olhos por ali. Não consegui ir além da secretaria, de onde não obtive autorização da diretora para conhecer as dependências por dentro. Só com autorização da Sedu (a qual a coluna não chegou a solicitar). Rotina, entende? Tudo bem. Não é preciso superar a entrada para se impressionar, negativamente, com muitos detalhes no local.

Já da Avenida Maruípe, pode-se ver o estado em que se encontra a estrutura do antiquado e antiquíssimo prédio, nada convidativo ao ensino e à aprendizagem. Fachada deprimente, com as paredes (pintadas em amarelo desbotado) totalmente descascadas. Em uma das laterais, destaca-se um cemitério de carteiras quebradas. Logo no pátio de entrada, percebe-se um festival de convites a acidentados diversos. Não bastasse a estranha topografia (repito: o prédio está fundado em uma pedra), há ferragens cheias de ferrugem, pedras e canos empilhados pe-

los cantos. Na frente e especialmente nos fundos, cresce um capinzal. A quadra, entregue em janeiro, é tão acanhada que permite, no máximo, um jogo de queimada ou de futsal com três na linha.

“O banheiro está horrível, não tem porta. A entrada da escola está horrível, precisa de pintura. Já me cortei na parede da sala, porque os azulejos estão quebrados. Eu ia estudar aqui, mas desisti por causa da aparência. Como não consegui vaga em outras escolas, vim pra cá mesmo. O ensino é bom, a maioria dos professores ajuda bastante os alunos. Computador tem, mas não é aquela coisa. Alguns não funcionam. O problema da escola é a estrutura mesmo”, relata a aluna Shyanne Kamylli da Silva, 18 anos. Segundo a jovem, alunos e mestres chegaram a promover uma festa junina para arrecadar “um dinheirinho” por conta própria. “Às vezes não tem papel higiênico. É ruim pra gente que é menina.”

Na véspera da incursão, a diretora da Hildebrando, Ana Elisa Santos, gentilmente conversou com a coluna por telefone e expôs a situação: ali estudam cerca de 750 alunos (quase o dobro da Escola Viva), divididos pelos três turnos.

“Nossas condições de ensino, de acordo com nosso número de alunos, são suficientes no momento. Mas a infraestrutura precisa, sim, de reforma e manutenção. O mais emergencial é o reparo elétrico. A gente não pode instalar um novo ar-condicionado, por exemplo, um ventilador, porque a fiação não suporta. E o calor aqui é enorme. Há também alguns desníveis no piso. A escola não tem acessibilidade. O laboratório de informática só funciona em um turno”, contou a diretora.

Para amenizar a situação, a Sedu repassa uma verba anual às unidades da rede, para cobrir pequenos reparos. Em 2014, conforme informações de Ana Elisa, a Hildebrando recebeu R\$ 67 mil; este ano, foram R\$ 30 mil. Segundo a diretora, não é o bastante. “Não, porque a escola é de 1970. Precisamos que a Sedu entre com a parte de engenharia mesmo, porque é muito mais cara.”

A coluna volta ao tema amanhã.

—
“É bem melhor estudar num ambiente bom. E aqui na escola ele não é bom. Com certeza, isso desanima”

—
SHAYANNE DA SILVA, 18
 ALUNA DA HILDEBRANDO